

Antropologia da mídia: um campo em construção no Brasil e em Portugal

Anthropology of Media: a disciplinary field in construction in Brazil and Portugal

SÓNIA FERREIRA

Investigadora integrada ao CRIA. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal. Investigadora visitante URMIS – Paris VII (desde 2012). <sonia.ferreira@fcsb.unl.pt>

ISABEL TRAVANCAS

Professora adjunta da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. <isabeltravancas@yahoo.com>

RESUMO

Este trabalho busca discutir as contribuições da antropologia para o estudo e a pesquisa sobre os meios de comunicação no Brasil e em Portugal. As ciências sociais em geral e a Antropologia em particular só recentemente têm refletido de forma mais sistemática sobre os meios de comunicação de massa. Eles não foram, ao longo das últimas décadas, um tema privilegiado e assunto de dissertações e teses de doutorado nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social tanto no Brasil quanto em Portugal. Pretende-se apresentar um panorama dos trabalhos mais significativos neste campo nos dois países, discutindo seus objetos, seus eixos temáticos, suas referências teóricas e práticas metodológicas. A ideia é estabelecer uma análise comparativa sobre a construção desse campo nos dois países, observando seus pontos de contato e suas distinções.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia. Comunicação. Mídia.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the anthropology contributions to media research in Brazil and Portugal. Only recently have social sciences, in general, and anthropology, in particular, analysed and reflected upon mass communication technologies. These technologies and mediums weren't a central object of study during the last decades in academic dissertations on social anthropology, in Brazilian and Portuguese universities. We would present in this paper an overall discussion of the most significant academic works in this area in both countries, discussing their main objects, themes, theoretical references and methodological options. We want to produce a comparative frame that allows observing proximities and distinctions in both countries production in this area.

KEYWORDS: Anthropology. Communication. Media.

Pensamos que hoje, mais do que nunca, é impossível refletir sobre as sociedades complexas urbanas contemporâneas sem darmos um lugar de destaque para os meios de comunicação de massa. Eles podem ser uma valiosa porta de entrada para compreendermos os fenômenos sociais produzidos por seus *nativos*, assim como ajudam a desvendar seus *códigos* e *mapas*. E precisam ser investigados na sua complexidade e riqueza para além de preconceitos e ideias pré estabelecidas, – muitas delas baseadas em uma leitura superficial da obra dos pensadores da Escola de Frankfurt (Adorno e Horkheimer, 1985), para deixarmos de encarar a indústria cultural como um mal em si, focando no significado das mensagens, na elaboração dos produtos e na interpretação de seus receptores.

Debra Spitulnik (1993, p. 293) em sua resenha sobre a interseção da antropologia com a comunicação, chama a atenção para o fato de ainda não ser possível falarmos em uma *antropologia dos meios de comunicação de massa*, embora na última década tenha havido um aumento no interesse de estudá-los. Segundo Spitulnik (1993), há inúmeras maneiras de se abordar antropologicamente os meios de comunicação de massa: como instituições, como lugares de trabalho, como práticas comunicativas, como produtos culturais, como atividades sociais, como formas estéticas e como desenvolvimentos históricos.

No que diz respeito a uma *antropologia dos meios de comunicação de massa* em Portugal e no Brasil é necessário destacar algumas diferenças de contexto. No Brasil os primeiros trabalhos realizados em Pós Graduações de Antropologia sobre o universo da comunicação de massa são do final da década de 1970 e só ganham mais espaço nos anos 1990 em diante. Em Portugal são pós 2000 as primeiras pesquisas nesta área (Ferreira, 2008). Sabemos também que o campo da antropologia no Brasil é maior do que em Portugal. Há mais programas de Pós Graduação e hoje não estão mais res-

tritos ao Rio, São Paulo e Brasília e sim dispersos por todas as regiões e só tem crescido. Essa é outra diferença entre os dois países.

Neste artigo, apresentamos um levantamento da produção acadêmica dos antropólogos em alguns centros acadêmicos dos dois países realizado entre 2009 e 2011. Ele não pretende ser exaustivo, nem muito menos incluir todas as pesquisas realizadas até esta data. Foi feito com a ajuda de importantes programas de universidades brasileiras, como o Museu Nacional da UFRJ, UFF, UFRGS, UNB, UFSC e, em Portugal, a FCSH-UNL, o ISCTE-IUL e o CRIA. Nem todos os programas naquele momento tinham suas dissertações e teses digitalizadas e disponíveis na internet. Outros foram contactados solicitando estas informações e não nos atenderam. Em relação aos temas, escolhemos abordar os mais presentes nas pesquisas sobre os meios de comunicação de massa como imprensa, jornalistas, rádio, televisão, publicidade e internet. Deixamos de lado os trabalhos sobre cinema por entendermos que ele está inserido na temática de antropologia visual. A música e sua indústria também não foram exploradas aqui por fazerem parte, a nosso ver, de um outro universo de investigação.

É necessário destacar que nem todos os temas que abordamos estão contemplados com pesquisas pela antropologia portuguesa. Aqui vemos mais uma distinção entre os dois países. São poucos os trabalhos sobre televisão, e praticamente inexistentes os que se debruçam sobre os jornalistas ou sobre a publicidade.

Em Portugal a área da Antropologia dos Media começou a ser estudada de forma mais sistemática a partir do início do século XXI, percorrendo neste momento um caminho de institucionalização acadêmica que pode ser observado nas monografias e artigos científicos assim como nas comunicações apresentadas em congressos e nos projetos de investigação em curso.

A Imprensa

Os jornais e seus jornalistas tem sido um dos temas mais presentes na pesquisas antropológicas nos dois países. E um dos autores seminais para estudar este tema é o pensador da Escola de Chicago, Robert Park (1967). A notícia funciona como um “mapa” da sociedade e as páginas dos jornais também podem ser lidas como uma espécie de espelho de suas sociedades. Tentar perceber qual a representação de Brasil, de imigrantes, de índios, da violência, da AIDS e de mulheres, entre outros aspectos tem norteado muitos pesquisadores interessados em discutir como se dá a construção da notícia.

Uma das primeiras pesquisas sobre imprensa feminina no âmbito da antropologia foi a dissertação *O Bello Sexo – imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*, de Maria Fernanda Bicalho (1988). Foram analisados jornais e revistas escritos por mulheres e destinados a este segmento no Rio de Janeiro no final do século XIX e começo do XX com o objetivo de investigar a construção da identidade da mulher brasileira.

Também em Portugal a questão da representação feminina é alvo de interesse, na obra *Os Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Género e Imigração* os autores, Raposo e Togni, analisam, entre outros aspectos, o papel da mídia na construção de imaginários sobre as mulheres brasileiras migrantes que residem em Portugal. Consideram como ponto de partida que “as exposições sobre a identidade brasileira feminina construídas pelos media além de serem incorporadas ou passíveis de reação pelas agentes, trazem implicações políticas importantes e constroem meta-narrativas pela sociedade de acolhimento” (Raposo e Togni, 2009, p. 90).

No Brasil, Jane Galvão (1992) defendeu igualmente a dissertação *Aids e imprensa – um estudo de antropologia social* cujo objetivo foi analisar a construção social da AIDS no Brasil, a partir das matérias publicadas no *Jornal do Brasil*, de 1981 a

1990. Galvão mapeou as questões mais importantes ligadas à doença, analisando os mecanismos de acusação que cercam-na e os doentes portadores do vírus HIV. A seu ver, a tradução de um termo médico para o senso comum está impregnada de carga moral.

A dissertação de Sílvia Nogueira (1998) *A construção da notícia em dois jornais cariocas: uma abordagem etnográfica* expressa seu interesse em investigar como se dá essa construção. A antropóloga acompanhou as atividades desenvolvidas nas redações, levando em conta os fatores ideológicos, mercadológicos e pessoais que atuavam na elaboração das matérias. Nogueira concluiu que as preocupações fundamentais dos jornalistas são a concorrência e a relação com o tempo, percebeu também que o “meio jornalístico é fortemente marcado por um dia-a-dia construído em bases de trocas. Trocas de gentilezas, de favores e de informações, de experiências.” (1998, p. 109).

Creemos que pensar em construção da notícia é pensar em representações. A representação pode ser entendida como ponto de confluência do social com o individual, resultado de um saber que os integrantes de um grupo social constroem sobre sua vivência. E ela terá o papel de orientar a ação social porque é vivida como real. Continuando nesta direção da construção de representações na imprensa, no Brasil e em Portugal, foram encontradas no primeiro duas dissertações: *A construção de um réu: payakã na imprensa brasileira durante a ECO-9,2* de Maria José Alfaro Freire (2001) e *Mulher e diferença cultural em uma revista feminina popular*, de Ana Teles da Silva (2004).

Maria José Freire estuda o tratamento dado pela imprensa brasileira à acusação de estupro dirigida ao índio kayapó Paulinho Payakã em junho de 1992. Analisou as reportagens e textos opinativos avaliando como são apresentados os fatos e em que medida são acionadas representações baseadas em consenso que, em última instância, questionam os direitos indígenas a partir de informações sobre os kayapós e as populações indígenas em geral. A autora percebeu um percurso do específico – o

estupro – para o geral – as questões indígenas. Já o trabalho de Teles sobre revistas femininas discute seu conteúdo e a representação que seus produtores têm das leitoras. A pesquisadora percebeu que há uma distância entre o público leitor e o produtor da revista, uma vez que o primeiro é composto por segmentos populares da sociedade e o segundo por segmentos letrados de camadas médias.

Outro trabalho sobre imprensa é de Edílson Almeida da Silva – *Notícias da violência urbana – um estudo antropológico* publicado em livro em 2010. Nesta tese de doutorado a questão central é a construção das representações da violência urbana na grande imprensa do Rio de Janeiro. A pesquisa aborda os critérios utilizados pelos jornalistas para selecionar e hierarquizar as notícias, o discursos destes profissionais sobre a violência na cidade até o papel político dos jornais na sua construção como um problema político.

O jornalismo produz discursos em condições particulares e estes não são nem cultural, nem socialmente neutros, ainda que nem sempre os jornalistas enfatizem este aspecto. Para o jornalismo a objetividade, junto com a clareza e a concisão são regras imprescindíveis da notícia. A dissertação *As Folhas do mal? Espectros da antropologia na imprensa* é o título da dissertação de João Batista de Miranda Torres (1994), onde este analisa a construção da notícia a partir de sua experiência etnográfica como repórter do caderno SP-Nordeste, de Ribeirão Preto, editado pela *Folha de S. Paulo*. Torres redigiu um trabalho pouco convencional abordando do niilismo ao relativismo, para discutir as narrativas jornalísticas. Ele também descreve rotinas e práticas como a pauta e o fechamento da edição.

A questão da representação parece ser igualmente uma preocupação na academia portuguesa. Relativamente aos estudos sobre a imprensa, é necessário citar a tese de mestrado de Alexandre Costa (2010), *A Criação da Categoria Imigrantes em Portugal na Revista Visão – jornalistas entre estereótipos e audiências* e a investigação de Filipa

Silvestre (2011), *Um olhar sobre a imprensa: Representações sobre os requerentes de asilo e refugiados em Portugal*.

A primeira aborda a revista “Visão” e como esta constrói nos seus conteúdos a categoria *imigrante em Portugal*. Costa analisa o período entre 2002 e 2008, partindo do contexto histórico-político de Portugal enquanto nação pós-colonial que acolhe o outro, no seio de uma publicação majoritariamente de portugueses para portugueses, em termos de produção, recepção e *audiência imaginada*. Segundo o autor os conteúdos analisados revelam a preocupação em dar uma imagem positiva dos imigrantes, embora o discurso se apoie em estereótipos e concepções de senso-comum que, por vezes, são desconstruídos. Filipa Silvestre estuda a representação social dos refugiados e requerentes de asilo em três jornais nacionais (*Público, Diário de Notícias e Correio da Manhã*). Seu objetivo foi construir um corpus que permita obter uma visão geral da representação veiculada pela imprensa portuguesa sobre os refugiados e requerentes de asilo.

Por último, ainda dentro do tema da representação mas discutindo a questão do desvio e da marginalidade, há a tese de mestrado de Marcos Ermidas (2009), *A Imagem do Criminoso na Imprensa Escrita*. Esta analisa os discursos sobre o criminoso a partir de dois tablóides, procurando os estereótipos e essencializações que permeiam o discurso jornalístico. O autor procura estudar igualmente a origem de concepções como a de demonização e monstruosidade, através da perspectiva da *criminologia constitutiva*.

O trabalho de Patrícia Burke (1996) – *O jornal em pauta: um estudo sobre a coluna de cartas dos leitores do Jornal do Brasil* – é uma reflexão sobre o público leitor e sua visão dos jornais, uma vez que, para muitos jornalistas, o leitor é uma incógnita. Burke afirma que a coluna *Opinião dos Leitores* funciona como parâmetro para a observação das tendências da opinião pública em relação a temas relevantes. A coluna seria o

espaço de possibilidade de o leitor interferir na construção da realidade através de um veículo de informação. E concluiu que “o que está de fato em pauta é o próprio jornal e o poder a ele atribuído como referencial de mobilização dentro de uma comunidade de interesses.” (Burke, 1996, p. 125)

A dissertação de Kássio da Motta (2009) *Outro jornal, outras notícias – uma contribuição à análise antropológica da produção telejornalística* analisa a produção da notícia e como os jornalistas a definem. Motta realizou uma etnografia da redação de um telejornal cujo intuito era ser diferente dos outros jornais de televisão. Ele acompanhou o processo jornalístico da redação ao estúdio de gravação, passando pela produção, reportagem, edição e revisão final. Percebeu que há inúmeras questões em jogo, estratégias específicas e negociações externas e internas.

Em Portugal podemos encontrar este interesse pelos conteúdos mas também pelos produtores na tese de mestrado de Joaquim Ribeiro (2010), *A Imprensa regional e as comunidades locais. Jornal Alvorada: caracterização de um quinzenário local do Concelho da Lourinhã*, onde o autor analisa um órgão de informação regional, o “Jornal Alvorada”. Ribeiro produz um estado da arte sobre a imprensa regional em Portugal e utiliza o método etnográfico para proceder à coleta de dados, entrevistando tanto produtores como consumidores desta publicação. Ele considera relevante discutir este contexto de produção, a partir da sua relação com o poder local, a sociedade civil e o setor econômico que o envolve, desenvolvendo simultaneamente argumentos que discutem a manutenção deste espaço discursivo e deste tipo de jornalismo.

A imprensa nas suas diferentes facetas constitui um tema de interesse em ambas as academias em análise. Tanto as representações sociais, como as práticas profissionais, os conteúdos e os agentes têm sido alvo de análise e discussão.

Os Jornalistas

E se os jornais funcionam como mapas culturais, os jornalistas são os autores destes mapas. Estudar suas rotinas, suas práticas profissionais, sua visão de mundo e estilo de vida foi a preocupação central de vários trabalhos de antropólogos brasileiros. A dissertação de uma das autoras, Isabel Travancas, *O mundo dos jornalistas* publicada em 1993 e a tese de doutorado *Repórteres, reportagem e construção da nação no jornalismo brasileiro* de Candice Vidal e Souza (2003) são alguns destes.

Ao estudar um grupo de cinquenta jornalistas da grande imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo (Travancas, 1993, p. 102) a autora constatou que, se por um lado a profissão de jornalista sintetiza as características do indivíduo, resultando em uma totalização do mesmo sob o prisma de sua identidade; por outro há uma tensão entre este papel totalizante e outros papéis ligados, como por exemplo, as relações de parentesco e família. Ela acredita ser possível falar de uma identidade de jornalista que se constroi apesar ou sobre esta tensão. Ficou claro que determinadas carreiras geram uma adesão que resultará num estilo de vida e numa visão de mundo específicos.

A tese de Candice Souza tem como objetivo principal a constituição da reportagem como gênero narrativo. Ela é produto da observação direta do repórter que narra o que vê em suas viagens pelo Brasil sempre dentro de um estilo jornalístico. Entretanto, ao buscar entender como se dá a construção da nação brasileira no discurso da imprensa – em particular a *Folha de S. Paulo* de 1974 a 1994 –, Souza se detém nos repórteres. O Prêmio Esso é abordado pela pesquisa e visto como um dos processos de legitimação e consagração da reportagem e do repórter dentro do campo jornalístico brasileiro. Ela conclui que “os percursos de consagração internos ao campo jornalístico só fazem reforçar e estimular as naturalizações” (Souza, 2003, p. 270).

O Rádio

O rádio é frequentemente negligenciado enquanto objeto de estudo no seio da antropologia dos media, talvez porque esta se desenvolve, majoritariamente a partir dos anos 90, quando a televisão e o cinema¹ têm já grande centralidade, e a internet começa a consolidar sua posição. Alguns trabalhos destacam contudo a rádio e a sua relevância enquanto meio de comunicação, nomeadamente a investigação de Spitulnik na Zâmbia (2000) e a de Joe Tachi (1998) sobre a sua utilização no contexto doméstico.

Em Portugal, no que diz respeito a estudos que privilegiam a rádio, a invisibilidade para com esta encontra duas exceções de relevo: a tese de doutorado de Filipe Reis (2006), e a investigação de doutorado em curso de Inês David.

A primeira investigação, de Filipe Reis, intitulada *Comunidades Radiofónicas: um estudo etnográfico sobre a radiodifusão local em Portugal* analisa discursos produzidos em rádios locais discutindo a sua articulação com a produção de identidades locais e regionais. Nesta dissertação os media são analisados enquanto “formas de representação e imaginação cultural” (Reis, 2006, p. 221), pois o autor considera que estes ajudam a compreender a forma como os grupos e as comunidades se pensam, se representam e se distinguem, levando em conta que é nesta aceção que os meios podem constituir um objeto de estudo antropológico pertinente. Por seu lado, a investigação de Inês David procura explorar os meios radiofónicos produzidos pela comunidade inglesa residente no sul de Portugal. A autora centra a problemática no uso do veículo na construção de pertencimento em contexto migratório, integrando tanto a produção como o consumo dos mesmos.

Diferentemente de Portugal o rádio, se pensarmos em termos de escala, não é um tema tão estudado pelos antropólogos brasileiros mas despertou o interesse mais cedo. Em um levantamento em algumas Pós Graduações encontramos duas pesquisas

finalizadas: a dissertação de Míriam de Fátima Chagas (1993) de *Uma mão lava a outra: a interação de grupos populares com a rádio Farroupilha*, e a tese de doutorado *Facetas do rádio* da pesquisadora brasileira Sílvia Nogueira (2005). Um estudo sobre rádios comunitárias na Argentina é o tema da tese de doutorado *Mudança de estilo. Etnografia comunitária, igreja católica, cultura popular, rádio, política e participação num bairro da Argentina* de Fasano (2011).

Miriam Chagas (1993) realizou uma pesquisa etnográfica em uma rádio de Porto Alegre, a Rádio Farroupilha. Trata-se de uma rádio popular onde o público pode participar de suas emissões e tem acesso aos estúdios do programa. Chagas procurou discutir a relação entre um veículo de comunicação de massa e a questão da cultura popular ou de grupos populares. Tal como no trabalho de Reis (2006), retomam-se temas clássicos da discussão antropológica como o popular, a literacia, as sociabilidades e as interações em espaço público.

Em sua tese, Nogueira (2005), procurou analisar cinco emissoras de rádio de Ilhéus, Bahia. A antropóloga realizou uma detalhada etnografia dos veículos, destacando as relações que se estabelecem neste campo específico. Como Chagas, percebeu a presença do público na rádio de forma intensa. Nogueira destaca que são muitas as visitas às emissoras e por diferentes razões: conhecer a rádio, fazer pedidos ou denúncias, entre outros. O papel da religião e da política são muito importantes no contexto da cidade baiana e a pesquisadora destaca sua relação com a rádio, levando em conta a afirmação dos próprios radialistas que diziam: “fazer rádio no interior é se dividir entre a religião e a política” (Nogueira, 2005, p. 129).

A antropóloga argentina Patricia Fasano realizou sua pesquisa etnográfica em uma rádio do interior da República Argentina (que surgiu em 1999 em uma comunidade religiosa de Hermanas Franciscanas). Ficou claro para ela que o projeto da rádio se articula com os conceitos de comunidade, participação política, militância, religiosidade

e cultura popular e é produto de um tipo de relação institucional histórica entre a Igreja católica e o Estado na Argentina.

Estes dois últimos trabalhos demonstram o quanto os meios de comunicação de massa, no caso aqui as rádios, estão imbricados e submetidos ao contexto político e social; assim como demonstram a relação nos dois países entre as rádios e o poder religioso local.

A Televisão

Creemos que podemos pensar a televisão nas pesquisas antropológicas a partir de dois eixos temáticos principais, telenovelas e telejornais. Em seguida podemos subdividir cada um destes eixos em duas perspectivas metodológicas principais: análise da produção destes programas e de seus conteúdos e estudo da sua recepção.

O trabalho de Williams (1974) sobre a televisão continua a ter hoje um caráter seminal, tal como posteriormente teve o de Morley (1986) ou Silverstone (1994). No âmbito disciplinar mais específico da antropologia, a análise das recepções televisivas adquiriu no início particular relevo com os trabalhos de Abu-Lughod (1997), Mankekar (1999) ou Wilks (1994), entre muitos outros. Na atualidade, tanto a produção como a recepção constituem campos de análise em expansão.

No Brasil a televisão tem ocupado um lugar central na sociedade e também nos estudos antropológicos. São vários os trabalhos sobre ela com diferentes perspectivas. O primeiro trabalho sobre televisão foi também sobre novela e trata-se da etnografia de audiência de Ondina Leal (1986), seu título é *A leitura social da novela das oito*. Neste trabalho pioneiro, Leal analisa a recepção da telenovela *Sol de Verão* da Rede Globo de Televisão, exibida de 1982 a 1983, por dois grupos distintos – de cinco famílias cada – identificados pela autora como pertencentes às classes populares e às classes dominantes. Para a antropóloga sua pesquisa pode ser definida como uma etnografia

de audiência e não um estudo de recepção, por procurar assistir ao programa junto com o grupo estudado, em suas residências e no horário em que ele é exibido.

Dentro dessa mesma perspectiva temos alguns trabalhos: a dissertação de Rosane Prado (1987) *Mulher de novela e mulher de verdade: estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela*; a dissertação de João Aníbal dos Santos (1985) *Televisão: cultura local e cultura de massa global. Etnografia da audiência entre descendentes de imigrantes alemães no RGS*; a tese de doutorado *Telenovela, consumo e gênero*, de Heloísa Buarque de Almeida (2003); *A televisão, uma vilá na sociedade contemporânea. Um estudo sobre modos de ver (a) TV de pessoas pertencentes a camadas médias*, tese de doutorado de Nara Magalhães (2004) e a pesquisa de Isabel Travancas, *Juventude e televisão – um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas*, publicada em 2007. As pesquisas de Prado e Almeida centram sua atenção na recepção das novelas, com objetivos diferentes. Prado busca discutir a ideia de cidade grande e cidade pequena e a visão da mulher neste contexto tendo a novela como foco principal. Já Almeida apresenta uma discussão sobre gênero e consumo. E mostra também as relações do público com a novela *Rei do Gado* e a publicidade.

A dissertação de Santos trabalha com a recepção de telenovelas e telejornais em uma cidade pequena do município de Santa Maria do Herval, a 90 km de Porto Alegre. O pesquisador discute qual a relação da cultura local e seu “ethos alemão” e a cultura e os valores transmitidos pela televisão. Nara Magalhães realizou uma etnografia de audiência com um grupo de pessoas de camadas médias da cidade de Ijuí, Rio Grande do Sul, vendo programas jornalísticos e telenovelas. Ela buscou entender como seus pesquisados constroem imagens de si e do outro e discutir o poder da televisão.

Em *Juventude e televisão* procurou-se entender como uma parcela da juventude universitária carioca vê televisão e como se relaciona e ressignifica os conteúdos que recebe em especial do *Jornal Nacional*. Foi possível perceber o quanto não

são indiferentes ao programa e como a universidade influencia a leitura de seu conteúdo.

Duas outras dissertações produzidos no Brasil abordam a televisão sob outros aspectos. São elas: *Novela e sociedade no Brasil*, de Laura Graziela Gomes (1991) e *Telenovela e texto cultural: análise antropológica de um gênero em construção*, de Mônica Coutinho (1992).

O trabalho de Laura Graziela discute a narrativas das telenovelas e analisa uma novela que chama de exemplar: *Roque santeiro* de Dias Gomes. Para a autora há uma relação de natureza intrínseca, de homologia, entre o gênero telenovelas e a sociedade brasileira. E essa relação, a seu ver, está cada vez mais explícita.

Pensar a telenovela como um texto cultura foi o objetivo da pesquisa de Mônica Coutinho que analisou a narrativa de *Barriga de aluguel*, exibida em 1990 e 1991, na TV Globo, às 18 horas. A seu ver, a novela fornece um mapa e uma “teoria” da sociedade, com seus símbolos e representações, tendo como palco a cidade do Rio de Janeiro.

Em Portugal, não têm sido os conteúdos da televisão nacional generalista os privilegiados pela antropologia, ao contrário do que podemos encontrar nos Estudos de Comunicação em Portugal e também na antropologia brasileira, mas essencialmente um olhar para as produções minoritárias produzidas ou dirigidas aos migrantes. O projeto *Sentir o Pulso da Comunidade. Políticas e narrativas identitárias de uma comunidade migrante portuguesa no Canadá*, coordenado por Filomena Silvano (2013)² é um bom exemplo. Este teve como objetivo analisar uma produção televisiva – *Gente da Nossa* – criada pela e para a comunidade portuguesa residente no Canadá. Ele parte dos pressupostos teóricos fundamentais de que a generalidade dos processos migratórios implica da parte dos atores um exercício permanente de avaliação, posicionamento e (re)estruturação identitária.

O projeto de Sónia Ferreira intitulado *Magazine Contacto: uma produção televisiva multisituada e a construção da identidade nacional portuguesa na diáspora* reproduz a mesma perspectiva. Neste pretende-se fazer uma análise comparativa da produção de três edições locais de um programa televisivo realizado no Canadá, Brasil e França por membros da comunidade portuguesa na diáspora e difundido pelo canal português estatal de televisão (RTP), na sua versão internacional (RTPI) Procura-se discutir a produção mediática transnacional e as expressões culturais e identitárias migrantes.

A Publicidade

É importante destacar que em Portugal não foram encontradas pesquisas no âmbito da antropologia sobre a publicidade, ou sobre os publicitários, diferentemente do que acontece no Brasil.

O primeiro trabalho antropológico sobre os publicitários *A ideologia dos publicitários* (1976) é de Zilda Kacelnik. Ela afirma que seu objetivo foi entender o papel desempenhado pelos publicitários no sistema de produção e consumo onde estavam inseridos. Durante quatro meses Kacelnik estagiou em uma agência de propaganda e buscou perceber como esse universo se divide em termos de função e hierarquia. Ela destacou a divisão, expressa nas falas dos entrevistados, entre os que criam e os que vendem.

Em sua dissertação *Magia e capitalismo – um estudo antropológico da publicidade*, Everardo Rocha estabelece um diálogo entre os anúncios e seus produtores – os publicitários. Rocha afirma que “a publicidade é um caminho para o entendimento de modelos de relações, comportamentos e da expressão ideológica dessa sociedade” (Rocha, 1984, p. 29). O antropólogo conclui seu trabalho afirmando que a publicidade pode ser vista como mito em sua produção e como ritual em sua recepção.

A alma do negócio – um estudo antropológico sobre o uso da pesquisa de mercado na publicidade é o título da dissertação de Lucia Helena Muller (1989). Seu objetivo foi investigar a publicidade a partir da sua produção. Para isso a pesquisadora focou sua atenção nas pesquisas de mercado para interpretar o significado de sua utilização no universo publicitário. Para isso selecionou duas agências de publicidade de São Paulo para as quais a pesquisa de mercado é um elemento muito importante para sua imagem.

Letícia Vianna em sua dissertação *Uma antropologia na terra de Marlboro ou a pragmática da ilusão na cultura de massa* segue um caminho muito próximo ao de Rocha ao enfatizar a eficácia da publicidade. Ela não poderia sozinha criar necessidades e determinar padrões de comportamento, pois seu poder se limita a reafirmar disposições coletivas que existem a priori. Sua eficácia é explicada pela crença do público, e a crença é explicada pela eficácia. Vianna (1993, p. 113) se detém também nas representações de tempo e de gênero na publicidade. Para ela as de tempo não são unidirecionais e apontam concepções contraditórias de continuidade e fragmentação, abstração e concretude, linearidade e circularidade.

A Internet

A televisão assumiu desde sempre nos estudos sobre comunicação particular relevância, relevância essa hoje só ultrapassada pelo emergente interesse suscitado pela internet (Miller e Slater, 2000), pelo digital e pelo virtual. Existem propostas de substituição da designação *antropologia dos media* por *antropologia digital*, como se pode observar nos debates da Media Anthropology Network da EASA (European Association of Social Anthropologists).

A Internet tem sido um dos meios que, pela novidade da sua configuração e acesso, produz discussões bastante fervorosas sobre a sua situação enquanto objeto

antropológico, tendo-se analisado também atualmente os novos espaços virtuais de observação e participação e os desafios metodológicos que estas novas realidades apresentam.

No panorama acadêmico português, algumas investigações têm-se dedicado a estudar a internet e o ciberespaço. Leonel Santos (2010), com a dissertação de mestrado *Redes Sociais e Usos da Internet em dois grupos de jovens* analisa, redes sociais e comunidades virtuais. Com uma etnografia realizada na internet, acompanha durante dois anos dois grupos de jovens e a sua participação em redes sociais, observando como estes integram a internet no seu cotidiano e como a apropriam enquanto tecnologia de comunicação.

Ainda em curso encontra-se a tese de Sara Pargana Mota (2014), sobre tecnologias de arquivo, redes sociais e narrativas biográficas, propondo a autora produzir uma etnografia da memória na era digital.

Em Portugal, como no Brasil, o interesse pela internet tem crescido e merecido cada vez mais atenção da academia, principalmente nesta primeira década do século XXI. Os trabalhos portugueses ilustram essa afirmação e, para o caso do Brasil, é de destacar, por exemplo, as pesquisas de Patrícia Coralis intituladas *Nunca te vi, sempre te amei. Uma análise antropológica da idolatria a Madonna em um fã clube virtual* (2004) e *Traga a vida aqui na voz* (2008).

Em sua dissertação Coralis desenvolveu uma investigação sobre um fã clube virtual da Madonna. De saída se coloca a questão de como desenvolver uma etnografia já que esta implica em contato com o outro, proximidade, observação participante e isto tudo em um universo virtual. A pesquisadora vai entrando no “campo” a partir da comunicação virtual com os membros do fã-clube. busca investigar o quanto o espaço virtual modificou ou não o modo de “ser fã”. Já em sua tese de doutorado analisa o

processo de recepção das biografias e de alguns filmes de Judy Garland junto a uma comunidade virtual de fãs brasileiros.

Outros exemplos se seguem como a dissertação de Mário Guimarães (2000) *Vivendo no Palace – etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço* que aborda o ambiente em uma plataforma gráfica onde os participantes são representados visualmente através de avatares e onde se movem em um espaço que pode ser alterado. Entender como os recursos da plataforma são apropriados para criação da representação visual de seus frequentadores assim como se dão as interações entre categorias de pessoas *on line* foram alguns dos objetivos da pesquisa.

Neste mesmo programa encontram-se algumas pesquisas como as de Maria Elisa Máximo que desde sua graduação vem estudando relações sociais na internet. Em sua dissertação (2006) – *Compartilhando regras de fala: interação e sociabilidade na lista eletrônica de discussão Cibercultura* – onde analisou as relações sociais em uma lista de discussão e na tese (2006) – *Blogs: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio técnicas*. Nesta seu objetivo foi investigar o cotidiano dos blogueiros.

Também desta Pós é a dissertação de Jean Segata, publicada em livro em 2008 com o título de *Lontras e a construção de laços no orkut – uma antropologia no ciberespaço*. Nesta pesquisa, Segata estuda comunidades ligadas à cidade de Lontras e que foram criadas com o objetivo de estabelecer relações entre seus habitantes. Ele analisa o *Orkut* enquanto espaço de sociabilidade, conectando e reconectando pessoas e lugares em função de objetivos específicos dos grupos, e também descreve a construção do ambiente *Lontras no Orkut*, formado pelo conjunto de comunidades analisado, o MSN, os perfis dos participantes e da cidade.

De um outro programa é a pesquisa de Vanessa Pereira (2008) que procurou em sua tese analisar as redes sociais de jovens de camadas populares que frequentavam uma *lan house* em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Pereira percebeu que a *lan house* funciona

como local para jogar *games* pela internet e também como espaço de sociabilidade. Ela afirma que estes jovens intensificam seus laços sociais através de “folgações” (jocosidade) e das interações nos jogos.

Considerações finais

Após a realização desse pequeno levantamento da produção antropológica sobre os meios de comunicação de massa no Brasil em Portugal, podemos destacar alguns pontos.

A análise da produção portuguesa permite aferir algumas opções temáticas preferenciais, assim como abordagens teórico-metodológicas de maior incidência. Em termos da primeira deve-se destacar a relevância que a temática das migrações tem tido neste domínio, tanto na análise das auto representações como das representações do Outro migrante nos media portugueses. A atenção para os processos migratórios em Portugal não constitui uma preocupação específica da antropologia dos meios de comunicação. É uma preocupação da antropologia portuguesa atual. Em muitos casos, como em alguns dos projetos em curso, os meios não constituem o objeto central da investigação são apenas um dos eixos da pesquisa empírica. É interessante observar também como no panorama português ainda existe uma grande preocupação com o texto, como é observável pelo centramento na análise dos conteúdos, e não na cadeia de produção ou recepção dos mesmos.

É notável a ênfase metodológica na prática etnográfica que surge em primeira instância pela mão dos Estudos Culturais, com a denominada “virada etnográfica”, que traz uma contribuição fundamental para o estudo das audiências e recepções.

Há igualmente um cruzamento teórico entre os autores da antropologia da comunicação mais clássica, com os da Escola de Chicago e de Palo Alto, e do ritual e da interação, como Turner (1969), Goffman (1985), Park (1967) ou Becker (1970),

com as atuais propostas da *media anthropology* que emerge no mundo acadêmico anglo-saxónico. Por outro lado, muitos trabalhos, pelos conteúdos mediáticos que discutem e interações sociais que mapeiam, apresentam suas discussões apoiados em autores que trabalham as questões da identidade nacional, da religiosidade, da cultura popular, dos estudos de comunidade, do género e da antropologia do poder.

Não se pode esquecer também que o campo da antropologia no Brasil é mais amplo, com mais programas de Pós-Graduação, mais congressos e mais revistas acadêmicas tornando delicada uma comparação quantitativa entre os dois países. Portanto, é evidente que a produção de trabalhos antropológicos no Brasil é muito mais vasta do que em Portugal e isso ocorre também em relação às pesquisas específicas sobre os mídia.

Existem também diferenças marcantes e consideráveis em ambas as academias. Pelas ausências principalmente. Ficou claro um certo “desinteresse” da antropologia portuguesa pela publicidade de maneira geral e pelos produtores dos meios de comunicação, os chamados emissores. Não há menção a trabalhos sobre jornalistas, nem publicitários, por exemplo. Uma outra área que começa ser explorada no Brasil como tema são os celulares. Ainda são poucos os trabalhos, mas o assunto tem despertado muito interesse e já há alguns artigos e pesquisas em andamento. A internet como objeto de pesquisa parece estar crescendo nos dois países com dissertações, tese e grupos de pesquisa sobre o tema.

No Brasil um dos pontos importantes de reflexão é a ideia de representação e em que medida os meios de comunicação ajudam a construí-la, seja a partir da imprensa ou da televisão. Essa questão está presente inclusive em dissertações e teses que não tratam do campo da comunicação, mas utilizam seus veículos e suas produções para discutir categorias, gêneros, culturas, grupos e etnias particulares.

A televisão é também um elemento de distinção entre os dois países. Ela desperta enorme curiosidade e tem um papel muito central na cultura brasileira, diferentemente do que acontece no país ibérico. E os estudos sobre televisão tanto analisam telejornais e novelas e suas respectivas recepções. Nesta última está a maioria dos trabalhos que utilizaram a metodologia etnográfica para conhecer o receptor e sua relação com a mensagem. Neste lugar as pesquisas dos dois países se encontram na medida em que também há alguns trabalhos de pesquisadores portugueses sobre recepção de televisão.

Nas investigações sobre o rádio podemos encontrar, em ambos os países, uma discussão transversal à antropologia que é a do acesso e utilização das denominadas TIC (tecnologias de informação e comunicação) e de como estas são simultaneamente espelho e agentes transformadores das realidades sociais. Quer nos centremos sobre uma rádio do Norte de Portugal, Porto Alegre, Ilhéus ou no interior da Argentina.

O que pudemos perceber ao longo deste estudo é que este campo vem se desenvolvendo nos dois países de forma diferente. Entretanto, ele vem crescendo dentro da antropologia e parece que no futuro teremos mais trabalhos desenvolvidos assim como a possibilidade de se realizar pesquisas comparativas entre Brasil e Portugal. ●

REFERÊNCIAS

Bibliografia geral

ABU-LUGHOD, Lila. The Interpretation of Culture(s) after Television. *Revista Representations*, n. 59, p. 109-134, 1997.

ADORNO, Teodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BECKER, Howard. *Sociological work*. Method and substance. Chicago: Adline, 1970.

FERREIRA, Sónia. Antropologia dos Media. Perspectivas e leituras. *Revista Comunicação Pública*, Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, v. 3, n. 5, p. 7-28, 2008.

- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MANKEKAR, Purnima. *Screening Culture, Viewing Politics: An Ethnography of Television, Womanhood, and Nation in Postcolonial India*. Durham/London: Duke University Press, 1999.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The Internet: An Ethnographic Approach*. Oxford: Berg, 2000.
- MORLEY, David. *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure*. London/New York: Routledge, 1986.
- PARK, Robert. *On social control and collective behavior*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- PETERSON, Mark Allen. *Anthropology & Mass Communication. Myth Making in the New Millennium*. New York; Oxford: Berghahn Books, 2003.
- POWDERMAKER, Hortense. *Hollywood, the Dream Factory*. Boston: Grosset and Dunlap, 1950.
- SILVANO, Filomena; ROSALES, Marta; FERREIRA, Sónia. Gente da Nossa: uma construção mediática da ideia de “comunidade portuguesa”. *Revista Portuguese Studies Review*, v. 20, n. 2, p. 143-169, 2013.
- SILVERSTONE, Roger. *Television and Everyday Life*. London: Routledge, 1994.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, O. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.
- SPITULNIK, Debra. Anthropology and mass media. *Annual Review of Anthropology*, v. 22, p. 293-314, 1993.
- _____. Documenting Radio Culture as Lived Experience: Reception Studies and the Mobile Machine in Zambia. In: FARDON, R.; FURNISS, G. (Org.). *African Broadcast Cultures: Radio in Transition*. Oxford: James Currey/Westport, CT, 2000. p. 144-163.
- TACCHI, Joe. Radio texture: between self and others. In: MILLER, D. (Org.). *Material Cultures: Why Some Things Matter*. London: UCL Press, 1998. p. 25-45.
- TURNER, Victor. *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Chicago: Aldine, 1969.
- WILLIAMS, Raymond. *Television. Technology and Cultural Form*. London; New York: Routledge, 1974.
- WILKS, Richard. Colonial Time and TV Time: Television and Temporality in Belize. *Visual Anthropology Review*, v. 10, n. 1, p. 94-102, 1994.

Bibliografia específica

- ALMEIDA, Heloísa Buarque. *Telenovela, consumo e gênero*. Tese (Doutorado) – EDUSC, Bauru, 2003.
- BICALHO, Maria Fernanda. *O belo sexo – imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS,UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

- BURKE, Patricia. *O jornal em pauta*. Um estudo sobre a coluna de cartas dos leitores do Jornal do Brasil. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.
- CHAGAS, Miriam. *Uma mão lava a outra*: a interação de grupos populares com a rádio Farroupilha. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1981.
- CORALIS, Patrícia. *Nunca te vi, sempre te amei*: uma análise antropológica da idolatria de Madonna em um fã-clube virtual. Dissertação (Mestrado) – PPCIS/UERJ, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. *Trago a vida aqui na voz*: um estudo de caso sobre idolatria, mitificação e consumo de biografias. Tese (Doutorado) – PPCIS/UERJ, Rio de Janeiro, 2008.
- COSTA, Alexandre. *A criação da categoria imigrantes em Portugal na revista Visão*. Jornalistas entre estereótipos e audiências. Lisboa: ACIDI, 2010.
- COUTINHO, Mônica. *Telenovela e texto cultural*: análise antropológica de um gênero em construção. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- DORNELLES, Jonatas. *Planeta Terra, Cidade Porto Alegre*: uma etnografia entre internautas. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2003.
- ERMIDAS, Marcos. *A Imagem do Criminoso na Imprensa Escrita*. Dissertação (Mestrado) – ISCTE/IUL, Lisboa, 2009.
- FASANO, Patrícia. *Mudança de estilo*. Etnografia sobre comunicação comunitária, igreja católica, cultura popular, rádio, política e participação num bairro da Argentina. Tese (Doutorado) – UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- FREIRE, Maria José. *A construção de um réu*: payakã na imprensa brasileira durante a ECO-92. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.
- GALVÃO, Jane. *AIDS e imprensa*: um estudo de antropologia social. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- GOMES, Laura. Graziela. *Novela e sociedade no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.
- GUIMARÃES, Mário. *Vivendo no Palace* – etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2000.
- KACENILK, Zilda. *A ideologia dos publicitários*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1976.
- LEAL, Ondina. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MAGALHÃES, Nara. *A televisão, uma vilá na sociedade contemporânea*. Um estudo sobre modos de ver (a) TV de pessoas pertencentes a camadas médias. Tese (Doutorado) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2004.

MÁXIMO, Elisa. *Comunidade virtual, comunidade de fala: uma análise da sociabilidade e dos eventos comunicativos em uma lista eletrônica de discussão*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2002.

_____. *Blogs: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas*. Tese (Doutorado) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2006.

MOTA, Kássio de. *Outro jornal, outras notícias: uma contribuição a análise antropológica da produção telejornalística*. Dissertação (Mestrado) – PPGA/UFF, Niterói, 2009.

MÜLLER, Lucia. Helena. *um estudo antropológico sobre o uso da pesquisa de mercado na publicidade*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFGRS, Porto Alegre, 1989.

NOGUEIRA, Sílvia. G. *Facetas do rádio. Uma etnografia das emissoras de Ilhéus (Sul da Bahia)*. Tese (Doutorado) – PPGAS/UFRRJ, Rio de Janeiro, 2005.

_____. *A construção da notícia em dois jornais cariocas: uma abordagem etnográfica*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRRJ, Rio de Janeiro, 1998.

PEREIRA, Vanessa. *“Na lan house porque jogar sozinho não tem graça”*: estudo das redes sociais juvenis on e off-line. Tese (Doutorado) – PPGAS/UFRRJ, Rio de Janeiro, 2008.

PRADO, Rosane. *Mulher de novela, mulher de verdade: estudos sobre cidade pequena, mulher e telenovela*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRRJ, Rio de Janeiro, 1987.

RAPOSO, Paulo (Coord.); TOGNI, Paula. *Fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas*. Gênero e Imigração. Lisboa: ACIDI, 2009.

REIS, Filipe. *Comunidades Radiofônicas: um estudo etnográfico sobre a radiodifusão local em Portugal*. Tese (Doutorado) – ISCTE/IUL, Lisboa, 2006.

RIBEIRO, Joaquim. *A Imprensa regional e as comunidades locais*. Jornal Alvorada: caracterização de um quinzenário local do Concelho da Lourinhã. Dissertação (Mestrado) – ISCTE/IUL, Lisboa, 2010.

ROCHA, Everardo. *Magia e capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *A sociedade do sonho*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

SANTOS, João Aníbal. *Televisão: cultura local e cultura de massa global*. Etnografia da audiência entre descendentes de imigrantes alemães no RGS. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFGRS, Porto Alegre, 1995.

SANTOS, Leonel. *Redes Sociais e usos da Internet em dois grupos de jovens*. Dissertação (Mestrado) – ISCTE/IUL, Lisboa, 2010.

SEGATA, Jean. *Lontra e a construção de laços no Orkut*. Uma antropologia no ciberespaço. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2008.

- SILVA, Ana Teles. *Mulher e diferença cultural em uma revista feminina popular*. Dissertação (Mestrado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- SILVA, Edilson. *Notícias da “violência urbana”*: um estudo antropológico. Niterói: EdUFF, 2010.
- SILVESTRE, Filipa. *Um olhar sobre a imprensa*: representações sobre os requerentes de asilo e refugiados em Portugal. Dissertação (Mestrado) – FCSH/UNL, Lisboa, 2011.
- SOUZA, Candice Vidal. *Repórteres, reportagem e construção da nação no jornalismo brasileiro*. Tese (Doutorado) – PPGAS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- TORRES, João Batista. *As folhas do mal? Espectros da antropologia na imprensa*. Dissertação (Mestrado) – Depto. de Antropologia/UnB, Brasília, 1994.
- TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.
- _____. *Juventude e televisão*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- VIANNA, Letícia. *Uma antropologia na terra de Marlboro ou a pragmática da ilusão na cultura de massa*. Dissertação (Mestrado) – Depto. de Antropologia/UnB, Brasília, 1990.

NOTAS

- ¹ É interessante notar que o trabalho considerado precursor e seminal nesta área é precisamente o de Hortense Powdermaker, nos anos 50, quando esta aplica o método etnográfico na análise do sistema de estúdios de Hollywood. Apesar desta atribuição não ser consensual (ver Peterson, 2003), é vastamente aceite e aponta o cinema como o primeiro media a ser estudado de forma sistemática pela antropologia.
- ² Sónia Ferreira desenvolveu pós-doutorado no âmbito deste projeto.

Recebido em: 16 maio 2013

Aceito em: 02 mar. 2014

Endereço das autoras:

Sónia Ferreira <sonia.ferreira@fch.unl.pt>

Sede – Instituto Universitário de Lisboa

Av. Forças Armadas, Ed. ISCTE-IUL – Sala 2n7, cacifo 237

1649-026 Lisboa, Portugal

Isabel Travancas <isabeltravancas@yahoo.com>

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Avenida Pasteur, 250 – Praia Vermelha

22295-900 Rio de Janeiro, RJ, Brasil